

Mortes e traumas no interior da Missão Católica Orionita no antigo extremo norte goiano na década de 1950

Deaths and traumas inside the Orinita Catholic Mission in the extreme north of the state of Goiás of the 1950s

Raylinn Barros da Silva

Doutorando e Mestre em História pela Universidade Federal de Goiás. E-mail: raylinn_barros@hotmail.com

Resumo: O objetivo deste estudo é refletir sobre as mortes e traumas ocorridos no interior da missão católica orionita no antigo extremo norte goiano, atual norte tocantinense, na década de 1950. Cinco missionários morreram em plena missão. Este estudo é resultado de uma pesquisa bibliográfica e a fonte utilizada foi o relato de memória de um dos principais missionários orionitas: Quinto Tonini. A hipótese é que as mortes provocaram traumas entre os missionários, impactando o desenrolar da missão. A metodologia consistiu na historicização dos acontecimentos à luz de reflexões como trauma e representações.

Palavras-Chave: Goiás. Missões. Mortes.

Abstract: The aim of this study is to reflect on the deaths and traumas occurred in the interior of the Catholic orionita mission in the ancient far north of the state of Goiás, currently the north of the state of Tocantins, in the half of the 1950s. Five missionaries died in full mission. This study is the result of a bibliography research and the source used was the memory report of one the main orionita missionaries: Quinto Tonini. The hypothesis is that the deaths provoke traumas among the missionaries, impacting the unroll of the mission. The methodology consisted of making historical the happenings in the light of reflections such trauma and representations.

Key-words: Goiás. Missions. Deaths.

Introdução

Os missionários orionitas pertencem à congregação denominada “Pequena Obra da Divina Providência”. São chamados “Filhos da Divina Providência” ou simplesmente “orionitas”. Essa congregação religiosa pertence à Igreja Católica, fundada pelo sacerdote italiano Dom Luís Orione. Os missionários orionitas são padres e religiosos católicos que no século XX se dispersaram pelo mundo, mais precisamente a partir do pós-primeira guerra, imbuídos por um ideário de vida e de serviço à Igreja Católica e de assistência aos pobres¹ (PATTARELLO, 1985).

Eles estão presentes em quase todos os continentes, com uma atuação mais destacada na América Latina e Europa. Não foram muitos os missionários designados para irem a região do antigo extremo norte goiano, atual norte tocantinense, em fevereiro de 1952, mas os que chegaram na região se transformaram nos protagonistas do processo de institucionalização da Igreja Católica que aconteceu no contexto². Foram eles: André Alice, Egídio Addobati, Irmão Serra, Quinto Tonini, Remígio Corazza e Pacífico Mecozzi.

Do ponto de vista da religião católica, antes da chegada dos primeiros missionários orionitas em 1952, a região – com exceção de Boa Vista, atual Tocantinópolis, única paróquia católica³ – era “assistida” do ponto de vista religioso, vez ou outra, quando da passagem de missões religiosas. Primeiro os capuchinhos no final do século XIX e, no início do XX, os dominicanos (CAIXETA, 2014).

Para a reflexão proposta, utilizou-se os registros de memória de um dos principais missionários orionitas que atuaram no contexto da década de 1950 na re-

¹ O fundador da congregação orionita foi Dom Luís Orione, em italiano Luigi Orione, nasceu em Pontecurone, Itália, em 1872 e faleceu em Sanremo em 1940. Ao entrar para a vida religiosa, pertenceu à congregação dos padres salesianos, ordem religiosa fundada pelo sacerdote Dom Bosco, de quem Dom Orione desfrutava de amizade. Dom Orione viveu a sua vida praticando a caridade. Fundou em 1903 na cidade de Tortona a congregação Pequena Obra da Divina Providência, formada por padres, freiras e leigos consagrados. A partir da metade do século XX seus seguidores se espalharam pelo mundo, inclusive o Brasil. Seus religiosos são chamados “Filhos da Divina Providência”. Foi beatificado em 1980 e canonizado em 2004, as duas cerimônias presididas pelo então papa João Paulo II. Para mais informações sobre a vida e obra de Dom Orione, consultar: PATTARELLO, Giovanni. *Perfil de Dom Orione*. São Paulo: S/Editora, 1985.

² O processo de institucionalização da Igreja Católica na região não é tema de reflexão neste estudo. Para mais informações sobre o tema, consultar: SILVA, Raylinn Barros da. *O Catolicismo Orionita no Antigo Extremo Norte Goiano nos Relatos de Memória dos “Filhos da Divina Providência” 1952-1980*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Goiânia: UFG, 2017.

³ Paróquia Nossa Senhora da Consolação. Até o ano de 1954 pertenceu à Diocese de Porto Nacional, depois desse ano, passou para a administração dos orionitas.

gião: Quinto Tonini. São as representações que ele construiu e as deixou registrado em seu livro de memória que são refletidas neste estudo. Para entender como Tonini representou as mortes entre os missionários orionitas em seus registros, foi necessário um diálogo com os estudos sobre representação de Roger Chartier.

Nesse sentido, a noção de representação se tornou fundamental para a compreensão de práticas e transformações culturais e possibilitou a incorporação dos sentimentos humanos ao campo de lutas dos interesses históricos, assim como defende Chartier:

A noção de ‘representação’ permite conciliar as imagens mentais claras [...] com os esquemas interiorizados, as categorias incorporadas, que as gerem e estruturam [...]. Desta forma, pode pensar-se uma história cultural do social que tome por objeto a compreensão das formas e dos motivos – ou, por outras palavras, das representações do mundo social – que, à revelia dos atores sociais, traduzem as suas disposições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como ela pensa como ela é, ou como gostaria que fosse (CHARTIER, 1990, p.19).

A partir de Chartier, entende-se que as representações do mundo social traduzem suas posições e interesses. Sabe-se que Chartier entende a história e o mundo enquanto representações da realidade. Essas representações são para ele, vistas como imagens dos acontecimentos. Assim, entende-se por representação, a forma como os indivíduos enxergam determinados fatos ou mesmo determinados processos históricos, ou seja, a forma como esses indivíduos representam os fatos e a partir de então, representam a si mesmos.

Como será possível observar neste estudo, a partir de Chartier, pode-se inferir que Tonini, missionário orionita que registrou as mortes de seus confrades, representou a eles próprios, por intermédio de seus registros de memória, como os desbravadores da região, os implantadores da religião católica, os heróis, os que “entregaram” suas vidas pelo projeto orionita.

Mas quem foram esses primeiros missionários orionitas que se estabeleceram na região à época? Como se deram suas mortes? Como essas perdas atingiram a missão no contexto analisado? A missão orionita no antigo extremo norte goiano, na metade do século XX, vista sob a ótica de um dos seus principais missionários e a partir das mortes que se deram em seu interior, é objeto de reflexão a seguir.

Mortes, dor e traumas entre os missionários orionitas no extremo norte goiano

A missão orionita logo nos primeiros anos de atuação na região do antigo extremo norte goiano, atual norte tocantinense, na década de 1950, foi “sacudida” por cinco mortes entre seus missionários. Algumas em situações trágicas, outras, mortes naturais, mas ainda assim, ao que parece, foram mortes traumáticas, porque de religiosos no momento em que ocorria a missão. Essas cinco mortes parecem ter se constituído em verdadeiros traumas para a missão orionita no contexto.

Os primeiros missionários destacados para a região do extremo norte goiano vivenciaram, logo na chegada – em fevereiro de 1952 – um momento traumático: o acidente com a canoa que os transportavam na travessia pelo Rio Tocantins, quando se dirigiam para a cidade de Tocantinópolis, conforme Tonini registrou:

Na metade do rio caiu a chuva. O vento, agora furioso, levantava as ondas contra a correnteza da água. A canoa, pequena e baixa, viajava quase toda submersa. Uma onda mais forte quase encheu a pequena embarcação. “Tirem a batina” gritaram os dois remadores, já certos do iminente naufrago. Padre André Alice obedeceu prontamente. O Padre Egídio e o irmão Serra, aterrorizados, porém esperançosos e confiantes na Divina Providência, não se moveram. A canoa estava afundando (TONINI, 1996, p. 15).

Tonini registrou que Padre Egídio e irmão⁴ Serra ficaram aterrorizados nos instantes iniciais que a canoa foi atingida pelas ondas. Acredita-se que esse momento registrado por Tonini, pelo nível de pânico que pareceu tomar conta dos missionários, possa ser enquadrado como uma espécie de trauma. Sobre o que pode ser considerado como experiência traumática na história, Alexis Cortés infere que: “Entenda-se por experiência traumática um momento crítico de quebra da rotina por um evento que ameaça à integridade física de uma comunidade, assim como seu repertório de sentidos para compreender o mundo” (CORTÉS, 2011, p.357).

Cortés argumenta que a “quebra da rotina” seria um dos elementos definidores para uma melhor compreensão da noção de experiência traumática. Acredita-se, a partir da reflexão de Cortés, que se pode inferir que todas as cinco mortes que atingiram os missionários orionitas podem ser enquadradas como “quebra de rotina” do trabalho missionário. As mortes quebraram a rotina porque, ao que parece,

⁴ Na hierarquia católica, irmão é o religioso consagrado que serve à igreja. Ele tanto pode ser solteiro, quanto casado. Ele em algumas ocasiões substitui o padre na condução de alguns procedimentos religiosos como, por exemplo, distribuir a comunhão.

foram vivenciadas como eventos traumáticos pelos missionários orionitas. Como será possível observar nos eventos que se seguiram, os missionários se consternaram, o que pode-se deduzir que houve significativa alteração na rotina da missão. A partir da compreensão do conceito de experiência traumática, portanto, pode-se considerar como o primeiro trauma o acidente fatal que os primeiros missionários sofreram.

Mas Tonini destacou que os missionários que estavam na canoa, ainda assim, estavam confiantes. Interessante observar nos registros de Tonini a preocupação em destacar a confiança dos dois missionários orionitas, confiança mesmo no momento em que a embarcação que os transportavam caminhava para o naufrágio. Para entender a confiança dos missionários orionitas mesmo diante da experiência traumática que eles vivenciaram, ou seja, o iminente naufrágio, Olgária Matos reflete:

O herói é aquele que entra no perigo, pois só assim conquista seu ser. Nada seria se ele se furtasse a ele. É na iminência da morte e no risco que ele se reconhece. Ultrapassando o medo da morte, por seus atos, o herói substitui compensatoriamente o medo. Liberta-se da ansiedade da separação e do medo da morte pela repetição de feitos arriscados tendo sua garantia de sobrevivência fundada numa fantasia de renascimento e de invulnerabilidade (MATOS, 1994, p. 85).

A partir da reflexão de Matos, é possível entender um dos mecanismos para a construção da ideia de herói. Aquele que mesmo no perigo não se entrega ao medo e mantém sua coragem e confiança. Essa reflexão de Matos ajuda também a entender a forma como os missionários orionitas retrataram os acontecimentos, dando a eles um olhar de heroísmo. Os orionitas são, portanto, retratados como corajosos e confiantes, mesmo na trágica experiência no rio. Tonini continuou a registrar o momento trágico ao escrever:

No escuro da cerração, ao claro dos relâmpagos, a canoa virou. Os dois barqueiros e o Padre André Alice se agarraram nas bordas. O Padre Egídio e o irmão Serra recomendaram a alma ao Senhor e juntaram as mãos, desaparecendo nos profundos redemoinhos daquele terrível rio, cuja largura naquele ponto calcula-se de aproximados mil metros (TONINI, 1996, p. 15).

Dos três primeiros religiosos destacados para a paróquia de Tocantinópolis, o missionário Egídio e o Irmão Serra morreram no trágico acidente no rio. Como é possível perceber no registro de Tonini, os dois missionários que morreram afogados são os mesmos que no registro anterior foram retratados como confiantes,

esperançosos e corajosos. Os dois missionários que desapareceram no fundo do rio, produziram um último gesto em vida, um gesto extremo e derradeiro: juntaram as mãos.

Sabe-se que na cultura católica, o ato de juntar as mãos é o que representa a fé, confiança e certeza, certeza da comunhão com um ser superior, no caso, Deus, e fé em sua presença no momento invocado⁵. Ao que parece, esse também foi o sentido que os missionários quiseram mostrar no último momento de suas vidas.

Acredita-se que foi um gesto consciente, ou seja, eles perceberam que a morte era inevitável e, como numa “estratégia” final diante dela, buscaram realizar o último desejo: ao juntar as mãos, glorificar suas vidas na morte iminente. Sobre “estratégias” finais diante da morte, Olgária Matos ao refletir sobre a batalha entre Heitor e Aquiles, oferece uma reflexão sobre gestos praticados por indivíduos nos momentos finais de suas vidas, segundo ela:

As muralhas de Tróia, nos conta Homero, viram Heitor fugindo de Aquiles, mais eis que, subitamente para. Sabe que vai morrer. O destino da morte apoderou-se dele, os deuses o abandonaram. Se já não lhe é dado vencer e sobreviver, dele depende, no entanto, cumprir sua condição de guerreiro: transformar sua morte em glória, uma glória imperecível (MATOS, 1994, p. 83).

É possível inferir que no gesto dos dois missionários orionitas diante da morte iminente que enfrentaram e que de fato aconteceu, eles podem ter buscado a construção da imagem de guerreiro para eles próprios. Foi como se eles, conscientemente, sabendo que a morte estavam os alcançando, buscaram na mesma morte, um meio para transformá-la em glória, a glória dos primeiros missionários orionitas que estavam, a partir daquele momento, doando suas próprias vidas pelo projeto orionita e pela igreja do extremo norte goiano. Assim, o naufrágio marcou a memória dos missionários e da cidade, segundo Tonini:

A notícia espalhou-se naquela noite pela cidade com a rapidez do relâmpago. Fizeram dobrar imediatamente o sino da igreja, correu ao rio e lançou às águas umas quinze embarcações à procura dos dois desaparecidos. A noite descia com seu véu duplamente negro sobre aquele vinte e cinco de janeiro de 1952, abrindo duas tumbas na beira do Rio Tocantins. Os corpos dos dois desaparecidos só foram encontrados três dias depois, a cerca de 10 km abaixo do lugar do naufrágio. O prefeito decretou oito dias de luto oficial. Os restos mortais encontraram seu repouso ao lado da tumba do Padre João Lima, primeiro pároco de Tocantinópolis, morto qua-

⁵ Sobre essas questões, Ver: DUPRONT, Alphonse. A religião: antropologia religiosa. In.: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988, pp. 83-105.

tro anos antes, em idade muito avançada (TONINI, 1996, pp.15-16).

A missão orionita começou sob o impacto traumático da morte de dois dos três primeiros missionários destacados para catolicizar a região. Após o trágico acontecimento, os dois missionários foram sepultados na mesma cidade: Tocantinópolis. Conforme registrou Tonini, os missionários tiveram o cuidado de sepultar os dois mortos ao lado do Padre João Lima, primeiro pároco do antigo extremo norte goiano⁶. O túmulo dos missionários orionitas passou a ter um significado relevante para os orionitas que continuaram a missão.

Sobre o lugar do sepultamento dos primeiros orionitas e o seu uso para uma espécie de celebração simbólica, Olgária Matos reflete:

Ultrapassa-se a morte acolhendo-a ao invés de a sofrer, tornando-a a aposta constante de uma vida que toma, assim, valor exemplar e que os homens celebraram. Pois a verdadeira morte é o esquecimento, a obscura indignidade, a ausência de fama. Pelo canto público dos feitos aos quais se deu por inteiro, o herói continua, além da morte, presente, a seu modo, na comunidade dos vivos (MATOS, 1994, p. 84).

A partir de Matos, observa-se que o ideal de morte exemplar fez com que os missionários passassem a celebrar a memória dos primeiros orionitas mortos na missão em Goiás. Os orionitas ao celebrarem seus missionários mortos, consideraram que morreram de forma exemplar, pois a serviço do projeto orionita para a região. É importante observar que o trágico naufrágio, ao que parece, marcou de forma traumatizante o início da missão em Goiás, marcou também a entrada em “cena” do missionário Quinto Tonini na região. Até o momento do naufrágio envolvendo os primeiros orionitas no início de 1952, Tonini estava na cidade do Rio de Janeiro, recém-chegado ao Brasil e, logo após o naufrágio foi deslocado pelos seus superiores para a região do extremo norte de Goiás, seis dias depois de consumado o naufrágio.

Mas as mortes entre os missionários orionitas estavam apenas começando. No ano seguinte ao trágico naufrágio no rio Tocantins, Tonini já como pároco em Babaçulândia, importante centro da missão à época, registrou:

⁶ João Lima entrou para a história como um famoso padre católico da região objeto deste estudo. Considerado por sua atuação e influência destacada tanto no campo religioso quanto no cenário político de Boa Vista – atual Tocantinópolis – na sua época, as primeiras décadas do século XX. Para mais informações sobre esse sacerdote católico, consultar: *O Coronelismo no extremo norte de Goiás: o Padre João e as três revoluções de Boa Vista* de autoria do historiador Luís Palacin, ou ainda, *Boa Vista do Padre João: Tocantinópolis, Goiás*, de autoria da memorialista Aldenora Correia.

Esperava o irmão Renaudo que vinha de Tocantinópolis para a festa religiosa de Babaçulândia, quando chegou a notícia de que aquele estava mal. Na véspera da festa esperava também o superior da missão Padre André Alice, trouxeram, ao invés, o triste anúncio de que o irmão Pedro Renaudo estava morto. Não tinha resistido a um febre tifo aquele que já lutava contra uma peritonite tubercular. Já era o terceiro que chegava à capela do cemitério. Assim, a missão recebia seu terceiro protetor no céu. A dor era a nota dominante das grandes realizações: a missão orionita estava no seu terrível período de ferro (TONINI, 1996, pp.85-86).

Irmão Renaudo, outro missionário orionita, foi a terceira morte na missão em Goiás, foi o segundo irmão religioso que morreu. Tonini reconheceu que a missão entrava em um período difícil. Tonini, ao que parece, estava “pressagiando” que mais mortes aconteceriam entre eles. Importante destacar que a cada evento traumático que consistia nas perdas de vidas entre os religiosos, pareceu existir um consolo entre os missionários que ficaram, a de que no céu, os que partiram se tornariam os protetores dos que na terra continuavam.

Se correto afirmar, um consolo traumático, visto que para a missão “ganhar” seus “protetores” no céu, vidas entre os orionitas na terra precisaram ser ceifadas. É a retórica religiosa cristã: quem dá sua vida pela fé, recebe-a na eternidade, ou seja, no céu. Esse discurso pareceu no meio dos traumas vividos pelos orionitas, consolá-los. Mas a missão orionita foi ainda “abalada” por outras mortes. Em 1954 aconteceu a quarta morte entre os missionários, conforme registrou Tonini:

Pela metade de outubro daquele ano, Padre Luís Bettiol prostrou-se numa rede, magro e doente. Acometido por estrabismo e diplopia tornou-se impossível a alimentação. Sua voz enrouqueceu, a salivagem desapareceu. Os sacerdotes presentes administraram os santos sacramentos, duvidando de sua recuperação. Ao amanhecer do dia 31 daquele mês, completamente inconsciente, desde a meia noite, circundado por todos os coirmãos, passou ao Senhor. Imediatamente um motor partiu para Babaçulândia levando a triste notícia ao Superior da missão e ao Padre Tonini (TONINI, 1996, p. 102).

Assim aconteceu a quarta morte entre os missionários orionitas, dessa vez foi o missionário Luís Bettiol. Ao que parece, todos foram tomados por muita tristeza e comoção, conforme registrou Tonini:

Como o vento gelado, a dor e a consternação difundiram-se em todos os missionários e em todo o povo. Era a quarta tumba em dois anos. Só quem experimentou o combate em primeira linha sabe o que significa assistir à morte de quem cai na retaguarda. O Padre Tonini havia dedicado seu trabalho sanitário a tantos desco-

nhecidos e morreram quatro coirmãos e não tinha podido fazer nada, nem assistir nem mesmo aos funerais (TONINI, 1996, pp.102-103).

Tonini ao retratar a quarta morte entre os missionários orionitas, apresentou a consternação que tomou conta dos religiosos como também o povo da região. O missionário Luís Bettiol era jovem, sua morte pareceu deixar um sentimento de profunda tristeza entre seus confrades. No registro de Tonini, ele lamenta não ter podido fazer nada por Bettiol, dada a rapidez da doença que acometeu o jovem missionário. A distância entre os lugares e as condições das viagens pareceu ter dificultado que algo pudesse ter sido feito com relativa rapidez.

Importante destacar o lamento do próprio missionário Tonini ao registrar que era a quarta morte entre os seus confrades e, em todas, ele não ter podido fazer nada, nem para o socorro no caso do naufrágio, nem para o tratamento de saúde nos casos de doenças naturais, pois Tonini era também enfermeiro e dispunha de conhecimentos na área da saúde. Ele alegou não ter podido participar nem sequer dos funerais de seus confrades.

Considera-se observar que o registro de Tonini pode ser compreendido como um desabafo, mas, além disso, constata-se, que todas as perdas geraram, de fato, traumas para os orionitas. Por que a partir dos registros de Tonini, pode-se enquadrar as mortes entre os orionitas como geradores de traumas para os missionários? Porque devido ao impacto emocional das mortes e, mais ainda, pelo fato de que os momentos de agonia e dor não ter sido vividos, na íntegra, por todos os missionários, mas apenas alguns: os que morreram.

Os estudos sobre o trauma de Sigmund Freud, expoente da psicanálise, em termos bastante resumidos neste estudo, asseguram que essas incapacidades de experienciar o evento doloroso em sua plenitude abre espaço para que a lembrança se caracterizasse um trauma, por ter sido “neutralizadas no passado”. Tonini não “viveu” *in loco* os momentos traumáticos, portanto, por não ter experienciado em sua plenitude os eventos, ele como também os outros missionários guardaram os mesmos acontecimentos como traumas.

Ainda no âmbito das discussões sobre o trauma, Myrian Sepúlveda dos Santos reflete:

A discussão da ideia de trauma tem por base o trabalho de Sigmund Freud. De forma muito simplificada podemos afirmar que, segundo Freud, lembranças podem voltar em forma de pesadelo ou restrições à ação consciente por não terem sido capazes de ser vivenciadas plenamente e, portanto, neutralizadas pelo sujeito no passado. O trauma aparece como resultado tanto da natureza devastadora dos eventos sobre o indivíduo como da incapacidade da psique deste último de lidar

com determinados eventos. A questão, nesses casos, é a impossibilidade de termos testemunhos do passado, uma vez que este não foi vivenciado como experiência, mas como relato, daí o trauma (SANTOS, 2013, p.63).

Conforme a reflexão de Santos, seguindo o raciocínio de Freud, quando não se vive o evento doloroso em sua plenitude, o mesmo passa a marcar o indivíduo como trauma. Ou seja, as lembranças das mortes na memória do missionário Tonini não foram vivenciadas na experiência, na vivência, daí entende-se, a partir das reflexões sobre o trauma em Freud e também Santos, a ideia de que todos os eventos que resultaram nas mortes dos missionários orionitas podem ser enquadrados como geradores de traumas nos mesmos, e não apenas como meros acidentes.

Mas as mortes entre os missionários orionitas em plena missão em Goiás ainda não tinham chegado ao fim. Quatro anos após a morte de Luís Bettiol, em 1958, mais um importante missionário, Egisto, se juntou às quatro primeiras vidas perdidas em plena missão, conforme registrou Tonini:

Na tentativa de não perder mais um dos seus, levaram-no para o Rio de Janeiro. Os médicos tentaram uma cirurgia mas desistiram ao constatar a desproporção da neoplasma. Os coirmãos daquela cidade prestaram àquele pioneiro do norte de Goiás todos os confortos de sua fraterna caridade. O próprio Padre Provincial passou noites inteiras à sua cabeceira. Aos coirmãos que o convidavam para exprimir seu último desejo, respondeu: “Levem-me lá, para que eu repouse entre os outros quatro na beira do Rio Tocantins”. Aquele rio se transformara num símbolo de imolação para todos os missionários orionitas. Assim deixava esta terra o quinto daqueles corajosos, mas também generosos. Assim completava-se cinco tumbas, o mais velho não tinha nem quarenta anos (TONINI, 1996, pp.196-197).

Tonini registrou o grau de consternação que o acontecimento causou nos missionários orionitas. Tonini registrou o esforço da congregação ao transferir o missionário para um centro de tratamento mais avançado, à época, Rio de Janeiro, então capital federal. Lá, segundo Tonini, o missionário agonizante recebeu todo o conforto e os cuidados, mas em vão, morreu com o desejo de ser sepultado entre os outros quatro que já haviam morrido em serviço da missão orionita nas terras do extremo norte goiano.

Considera-se necessárias algumas reflexões sobre o registro de Tonini. Como observado por esse último, o missionário Egisto em seu último instante de vida pediu para que fosse sepultado junto com os primeiros quatro missionários mortos na missão em Goiás. Assim, ao pedir “leve-me lá”, o missionário revelou seu último desejo: fazer parte, assim como os primeiros missionários mortos, do “panteão” dos

“heróis” orionitas.

Foi como se também fosse destino seu, pertencer àquele grupo. Para melhor entender o último desejo do missionário Egisto, Vladimir Jankélévitch reflete que, geralmente, o momento da morte produz revelações e desvela desejos, segundo ele:

Os homens creem que o instante terminal de sua vida libera, por si só, uma mensagem: a morte seria o momento de revelações, momento solene por recapitular o passado e pela novidade desconhecida de que é portadora. É o fim que, retrospectivamente, ilumina com uma súbita claridade uma vida inteira, de agora em diante, terminada, consagrando-lhe valor. Assim, só a morte transforma uma vida em destino (JANKÉLÉVITCH, 1980, p. 138).

A partir de Jankélévitch, o momento da morte geralmente abre espaço para revelações e, como consequência, para a expressão de desejos últimos. Nesse caso, ao desejar que assim fosse, considera-se que o missionário desejou ainda, com sua morte, transformar, como observou Jankélévitch, a sua vida em destino. Destino de quem largou tudo e buscou na missão orionita em Goiás a realização do seu projeto de vida. Eles se doaram pela congregação e pela igreja.

Como foi possível observar no último registro de Tonini, ele apresentou os missionários que estavam partindo, como sujeitos “corajosos”. Tonini ao se referir aos seus confrades que tinham morrido em missão como “corajosos”, buscou, nada mais do que identificá-los como heróis, pois como já escrito anteriormente, só o herói ou aquele que deseja sê-lo não se furta da coragem. Assim, os registros de Tonini sobre as mortes de seus companheiros e, conseqüentemente, essas mortes vistas como atos de coragem, nada mais configura do que um esforço para a construção da figura desses missionários como verdadeiros heróis da missão e da própria igreja na região.

Alexis Cortés ao refletir sobre a relação entre fatos traumáticos e relatos vitimizantes, infere que: “Fatos traumáticos experimentados poderiam ter configurado apenas uma memória traumática e em muitos casos, um relato vitimizante, mas criou-se também um relato heroico baseado num ideário de luta, de solidariedade e de organização” (CORTÉS, 2011, p.357). A partir das reflexões de Cortés, os fatos traumáticos muitas vezes configuram apenas memórias traumáticas e conseqüentemente relatos vitimizantes.

Mas nem sempre, muitos fatos traumáticos também proporcionam a fundação de relatos heroicos. Foi exatamente o que ocorreu com a memória dos cinco missionários orionitas mortos no início da missão no antigo extremo norte goiano. Os orionitas poderiam perpetuar em suas memórias uma posição deles como víti-

mas dos acidentes ou dos infortúnios, das condições sociais, geográficas e históricas da região, mas não fizeram assim, os orionitas como já escrito anteriormente, sofreram os traumas das perdas dos seus confrades, mas a partir daí souberam construir uma memória que deu a eles a qualidade de “corajosos” e “confiantes”. Assim, acredita-se que o relato vitimizante foi abandonado em favor de um relato heroico.

Como foi possível perceber, Tonini expôs em seus registros de memória a dimensão das mortes entre os missionários orionitas em Goiás. Como é ainda possível observar em seu último registro, destacou que os missionários que morreram eram todos com pouca idade, ao que parece, pode ter elevado o sentimento de consternação entre eles. Sobre mortes que alcançam indivíduos jovens, Jean-Pierre Vernant reflete:

Existe um modo heroico de morrer: aquele que se dá em combate e ainda, na flor da idade – a vida breve: a lógica da honra heroica é a do tudo ou nada. A morte violenta, bela e gloriosa quando inteiramente jovem, eleva o herói acima da condição humana: arranca-o do traspasso comum conferindo a seu fim um caráter de sublimidade fulgurante. Bela, a morte heroica é celebrada na cadeia contínua das gerações vindouras. A biografia que a morte conclui a torna inalterável. Tornada lendária, a figura do herói tece uma tradição (VERNANT, 1979, pp. 36;50).

Vernant acredita que a morte de quem se considera em combate e com o detalhe de ser jovem, ajuda-o a transformar-se na figura de herói. Foi possível perceber nos registros de Tonini que ele destacou com frequência esse detalhe: a juventude dos missionários que para os sertões goianos foram enviados e, no caso das mortes deles, esse detalhe da juventude sempre é retomado, destacado.

É possível dizer que os missionários orionitas, a partir das cinco mortes de seus missionários e através da narrativa de Tonini, atuaram no sentido de serem lembrados como heróis? Ou ainda, eles atuaram no sentido de serem percebidos como elementos fundadores da história e da religiosidade da região, a partir da morte de seus membros? Sobre essas hipóteses, Marc Bloch ao refletir sobre grupos sociais, infere que: “Todo grupo social retira sua unidade espiritual ao mesmo tempo das tradições que constituem a matéria própria da memória coletiva e das ideias ou convenções, que resultam do conhecimento do presente” (BLOCH, 1925, p.76).

Para Bloch, esses grupos sociais, no caso em tela, os missionários orionitas, buscam o que ele chama de “unidade espiritual” nas suas tradições e na memória coletiva para, a partir daí, resultar o conhecimento do presente. Para o conhecimento do presente, o passado precisa se materializar na forma da memória. Pode-se inferir que também com os missionários orionitas existiu esse “esforço” pela memória. Eles

foram, a partir dos registros de memória de Tonini, lembrados pelo heroísmo de suas mortes, por terem “doado” suas próprias vidas pela igreja do antigo extremo norte goiano na década de 1950.

Acredita-se, ainda, que o objetivo de Tonini foi a construção de uma narrativa que transformou o evento morte em trauma. O orionita, ao que parece, afastou seu relato de uma característica vitimizadora e, por último, aproximou seu relato de uma característica heroica. Por que se considera que Tonini em seus registros de memória transformou as mortes de seus confrades em narrativas traumáticas para a missão? Acredita-se, para transformar os eventos em atos heroicos. Essa foi a estratégia de Tonini. Sobre a produção de representações e a sua relação com determinados interesses, Roger Chartier reflete que:

As representações do mundo social assim constituídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (CHARTIER, 1990, p. 17).

A partir da reflexão de Chartier, pode-se entender ainda, as representações construídas sobre as mortes dos missionários orionitas sob essa ótica: a do interesse. O discurso narrativo de Tonini são representações de um grupo específico, os orionitas. Foram representações construídas com um sentido determinado: justificar a presença dos missionários orionitas na região do extremo norte goiano e, conseqüentemente, o projeto catolicizador dos missionários para a região objeto deste estudo. Assim se deu a construção discursiva que narrou as mortes que abalaram a missão orionita no espaço e contexto da época.

Considerações finais

Como foi possível perceber neste estudo, dentre os primeiros missionários orionitas que foram destacados para a região do antigo extremo norte goiano, na década de 1950, cinco morreram em plena missão. O missionário Tonini representou as mortes em seus registros de memória como eventos que marcaram profundamente o cotidiano da missão. Todas as cinco mortes, segundo Tonini, provocaram consternação entre os missionários.

Mas interessante observar, ao que parece, que mesmo com o desenrolar das mortes, a missão continuou. Para os missionários, a morte valeu a vida, pois na crença católica, os cinco “foram agraciados” com a vida eterna. Considera-se, por-

tanto, que as mortes ocorridas com os missionários se constituíram em elemento de conforto espiritual e incentivo à continuação do projeto que foi catolicizar o extremo norte de Goiás. Mais do que uma estratégia retórica, o sentimento de consternação pareceu presente, consolando os missionários que ficaram a continuar seus projetos católicos para a região.

Tonini registrou em suas memórias que a cada perda de um confrade, a consternação tomou conta dos que ficaram. As duas primeiras mortes, quando do naufrágio, teve dois impactos imediatos: provocou profunda incerteza entre os missionários e a própria congregação, pelo fato de que as mortes ocorreram com quem acabava de chegar à região, segundo, essas duas primeiras mortes terminaram por antecipar o envio de Tonini, padre e enfermeiro orionita, considerado o principal missionário na primeira década dos orionitas em Goiás, a década de 1950.

A partir de estudos no campo do trauma, foi possível perceber que as mortes vivenciadas pelos missionários impactaram de forma significativa os rumos da missão orionita. Com Marc Bloch, percebe-se que a partir das mortes dos missionários, se deu um esforço pela construção de uma memória orionita para a região do extremo norte goiano, no sentido dos orionitas serem lembrados, através de suas mortes, como heróis da região. Já a partir de Chartier, acredita-se que as representações que foram construídas por Tonini sobre os eventos da década de 1950, ocorreram com o interesse de justificar a presença dos missionários e, conseqüentemente, os projetos catolicizadores para a região.

Enfim, sabe-se que os missionários orionitas conviveram, sofreram e tiveram que enfrentar o que pode ser considerado como o maior de seus traumas: perderam cinco missionários entre eles, três sacerdotes e dois religiosos consagrados. Ao que parece, o “custo” da implantação do catolicismo na região e contexto histórico, as mortes entre os missionários orionitas foi, então, parte do processo de institucionalização do catolicismo que estava em curso na região e contexto histórico.

Referências

BLOCH, Marc. Memória Coletiva, Tradições e Costumes. In: *Revista de Síntese Histórica*, pp.73-83, 1925. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bp-t6k101609q/f73.image>. Acesso em: 3 de junho de 2013.

CAIXETA, Vera Lúcia. *Médicos, Frades e Intelectuais: Leituras Sobre os Sertões do Brasil Central (1882-1935)*. Curitiba, Editora CRV, 2014, p.89.

CORREIA, Aldenora Alves. *Boa Vista do “Padre João”*. Goiânia: S/Ed, 1974

CORTÉS, Alexis. *Da Memória Traumática ao Relato Heroico*. Goiânia: Revista So-

cidade e Cultura, V.14, N.2, P.357-367, 2011.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Lisboa: Difel, 1982.

DUPRONT, Alphonse. A religião: antropologia religiosa. In.: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988, pp. 83-105.

JANKELEVITCH, Vladimir. *La Réconnaissance*. Paris, Éditions du Seuil, 1980.

MATOS, Olgária Chain. *Construção e Desaparecimento do Herói: Uma Questão de Identidade Nacional*. Revista Tempo Social, P.83-90, São Paulo: Revista Sociologia da USP, 1994.

PALACIN, Luís. *O Coronelismo no extremo norte de Goiás: o Padre João e as três revoluções de Boa Vista*. São Paulo: Loyola, 1990.

PATTARELLO, Giovani. *Perfil de Dom Orione*. São Paulo: S/Editora, 1985.

SANTOS, Myrian Sepúlveda. Memória Coletiva, Trauma e Cultura: Um Debate. *Revista USP*, N.98, P.51-68, São Paulo, 2013.

SILVA, Raylinn Barros da. *O Catolicismo Orionita no Antigo Extremo Norte Goiano nos Relatos de Memória dos “Filhos da Divina Providência” 1952-1980*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Goiânia: UFG, 2017.

TONINI, Quinto. *Entre Diamantes e Cristais: Cenas Vividas Pelos Missionários de Dom Orione nas Matas do Norte de Goiás*. Fortaleza: Expressão, 1996.

VERNANT, Jean Pierre. A Bela Morte e o Cadáver Ultrajado. *Revista Discurso*. São Paulo, N.9, p.31-62, 1979.

Artigo recebido em 11/02/2019, aprovado em 31/05/2019.